A *Iraquização* da África

AFRICOM: A Perspectiva Sul-Africana

Abel Esterhuyse, PhD

O GOVERNO sul-africano abertamente expressou oposição à criação do Comando Norte-Americano na África *(AFRICOM).*[1] Além disso, a África do Sul apresenta sua posição como um dos representantes de todo o continente, especialmente em nome de um grupo de países – a Comunidade de Desenvolvimento Sul-Africana *[South African Development Community-SADC,* cuja postura é contrária aos planos dos Estados Unidos.[2] Não é uma mudança radical de diretrizes gerais do Congresso Africano Nacional *[African National Congress-ANC]* referente aos Estados Unidos e elaboradas há mais de uma década. Embora este não seja o lugar apropriado para dissecar tais diretrizes, é importante fazer certas perguntas vitais concernentes à legitimidade da posição do nosso governo e a de alguns países africanos para com o *AFRICOM.* Tentaremos examinar algumas considerações que justificam o ceticismo acerca dos motivos dos E.U.A.

De um ponto de vista militar operacional, a África apresenta dificuldades geográficas, especialmente às forças armadas convencionais, que tiveram sucesso questionável em pequenas guerras. Antigamente, as diretrizes norte-americanas e comunidades militares usavam a inferência de uma África Sub-Saariana ao referir-se à "África". A África Setentrional (Algéria, Egito, Líbia, Marrocos e Tunísia) era considerada uma parte do Oriente Médio e Europa. O eleitorado americano interessado na África tende a enfocar-se na área subsaariana e não na parte norte do continente. Essa divisória existe até mesmo na mente da maioria dos americanos. Muitos deles referem-se a si mesmos como "Afro-Americanos", como se os "Euro-Africanos" e Árabe-Africanos" não existissem e como se os Afro-Americanos possuíssem vínculos mais chegados ao continente africano do que o resto de seus compatriotas. Essa divisão entre o Norte da África e a subsaariana causou certos problemas às forças armadas norte-americanas em anos recentes, especialmente em países como o Tchad e o Sudão, que se encontram nas garras de guerra e estão situados justamente na linha divisória regional.[3] No contexto dessa realidade, fica cada vez mais difícil para as forças norte-americanas considerar a África em sua totalidade. Essa divisória fazia certo sentido geográfico pois, até certo ponto, muitas vezes o deserto é um obstáculo muito mais difícil de se cruzar do que até mesmo um oceano. Em geral, o Mediterrâneo oferece uma travessia relativamente fácil.

A África não fez parte da estrutura do comando militar norte-americano até 1952, quando vários países da África Setentrional foram agregados às responsabilidades do Comando Europeu, devido a vínculos históricos. O restante da África não fez parte de qualquer estrutura de comando militar até 1960, quando os E.U.A., preocupados com a influência soviética cada vez maior no continente, incluiram a África Sub-Saariana ao Comando Atlântico. Em 1962, passou a fazer parte do Comando de Ataque *[Strike Command].* Quando esse último veio a ser o Comando de Prontidão *[Readiness Command]* em 1971, sua responsabilidade para com a África foi solucionada. Em 1983, as prioridades da Guerra Fria obrigaram a administração Reagan a dividir a responsabilidade pela África entre os três comandos geográficos – o Comando Europeu, o Comando Central e o Comando do Pacífico.[4]

No dia 6 de fevereiro de 2007 o Presidente dos Estados Unidos anunciou o estabelecimento do *Comando Africano* como parte do

Plano de Comando Unificado, com a inauguração planejada para 30 de setembro de 2008.[5] De início, foi um comando planejado para Stuttgart, Alemanha, até agosto de 2007, bem antes da data da inauguração oficial. É claro que a "capacidade operacional" de fato estará sujeita ao progresso do estabelecimento do *Comando*.

Algo de Benefício Mútuo?

Existem várias opiniões. A mais óbvia é a realista. Admite que os Estados Unidos possuem interesses vitais no continente, bem como outros que deseja proteger e expandir. Para solidificar a proteção dos mesmos, as forças armadas devem instalar o comando, controle, comunicações, computadores e inteligência *(C^4I)* e outras capacidades, a fim de garantir o sucesso de operações no continente. Devido a possíveis interesses na África, a criação do *Comando* é de importância estratégica aos Estados Unidos que, necessariamente, nem são obrigados a consultar a África ou qualquer outra entidade para isso. Permitiria a eles, o luxo de criar e estruturar o *Comando,* de acordo com as próprias necessidades. É claro que uma metodologia realista é inerentemente unilateral, nacionalista e competitiva. O risco, bastante real, é que pode ser vista como agressão norte-americana contra a África. Ademais, a África pode perceber a criação do *Comando* como possível ameaça, o que solaparia os interesses norte-americanos no continente.

A verdade é que os líderes africanos possuem lá suas dúvidas acerca desse interesse.[6] Talvez o continente seja a única região habitada de grande extensão geográfica que não tenha sido considerada de vital interesse à segurança norte-americana. Francamente, até pouco tempo, não possuiam qualquer interesse concreto e material, o que realça a necessidade de não se levar muito a sério a abordagem realista.[7]

Por um lado, em sua abordagem, os E.U.A. devem usar de muita cautela naquele continente. Por outro, devem consultar a África no que concerne à criação do *Comando*. Também requer que a burocracia e diretrizes norte-americanas cultivem apoio interno para a criação do mesmo. Uma abordagem de maior assessoria baseia-se na noção de que embora interesses claramente identificáveis oferecem base e coerência sólidas às diretrizes, normalmente a falta dos mesmos leva à ambiguidade, debate e vulnerabilidade para com o barômetro político.

Durante anos, o DoD discute os méritos de um *Comando Africano*.[8] Em meados de 2006 o ex-Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, convocou uma equipe de planejamento para assessorá-lo acerca dos requisitos necessários para o estabelecimento de um novo comando unificado para o continente. Apresentou sua recomendação ao ex-Presidente Bush, que autorizou o novo comando no mesmo dia em que Rumsfeld deixou o posto.[9] Quando anunciava o estabelecimento do Comando o novo Secretário de Defesa, Robert M Gates, designou a função do mesmo como a de "supervisor de cooperação para a segurança, desenvolvimento de capacidade de parcerias, apoio de defesa para missões não-militares e, se ordenado, operações militares dentro do continente."[10] Gates alegou que o *Comando* permitiria às forças armadas do país uma metodologia mais eficaz e integrada, comparada ao sistema atual no qual três comandos geográficos compartem a responsabilidade. Caracterizou a antiga estrutura tripartite de "arranjo fora de moda, uma sobra da Guerra Fria."[11] Assim, alguns eruditos asseveram que o *Comando* altera o envolvimento norte-americano na África, de reativo a proativo.[12]

O governo norte-americano encara o aumento de pressão doméstica e internacional para desempenhar uma função mais proeminente no continente mais volátil do mundo. A constituição do *Comando* recebeu apoio entusiástico de ambos os partidos do Congresso e, grupos interessados em Washington fazem campanha para aumentar o apoio aos países africanos.[13]

Desde 1993, após o incidente *"Blackhawk Down"* no qual 18 soldados americanos pereceram, o governo, em geral, resistiu à pressão para providenciar apoio militar tangível às forças de paz e outras missões no continente. Dois incidentes recentes contribuiram para

chamar a atenção dos políticos e burocratas à "região mais negligenciada do globo".[14] O primeiro foi o colapso da Somália que possui vínculos com militantes islâmicos, tais como al-Qaeda. O segundo foi a crise no Sudão, onde as estimativas da ONU chegam a 400.000 pessoas eliminadas, devido à *purificação* étnica na região de Darfur.[15] A decisão de criar o *Comando* reflete, sem qualquer dúvida, o aumento em interesse de segurança nacional no Continente.

Existem vários exemplos onde o envolvimento militar direto de superpotência em dada região foi aceito, porque estava fundamentado em relação de mútuo benefício. A participação dos E.U.A. na Europa durante a Guerra Fria é o exemplo mais óbvio. Assim, é importante distinguir entre dois tipos de benefício. Primeiramente, os menores, quase secundários, para a África que podem decorrer do estabelecimento do Comando, servindo, em especial os interesses de segurança norte-americanos. Em seguida, os dividendos geoestratégicos mutuamente benéficos que devem ser esclarecidos já de início. Contudo, do ponto de vista africano, a relação de benefício mútuo, não é aparente. Em consequência, a decisão dos E.U.A. em criar o *AFRICOM* diz mais acerca de suas apreensões e a posição geoestratégica do continente do que a respeito de interesse na África. Em particular, a preocupação acerca do envolvimento cada vez maior da China no continente, a guerra contra o terrorismo e a necessidade premente do petróleo africano. A análise detalhada dessas três considerações indica, claramente, que a decisão para a criação do *Comando* foi motivada por considerações negativas e não por interesse positivo para com a África.

De acordo com a organização global independente, *Power and Interest News Report*, o comércio Sino-Africano aumentou, de cerca de 3 bilhões de dólares em 1995 a 55 bilhões em 2006.[16] Em nível macro, o comércio, bem como as relações de defesa e diplomáticas aumentam entre os países africanos e a China. O apoio econômico e de segurança para com o regime de Mugaba é apenas um exemplo. O investimento da China na indústria petrolífera do Sudão e sua relação íntima para com o regime é outro.[17] Os dois exemplos acima demonstram também o que a China está disposta a fazer (ou a pretender que não vê), a fim de levar avante sua influência na região. As micro-relações levam à maior colaboração. Por exemplo, quase todos os pequenos povoados nos mais remotos locais do continente, hoje em dia, contam com uma lojinha chinesa! A China patrocinou uma conferência em Beijing em 2006 que atraiu 43 Chefes de Estado e representantes de cinco outras nações. Um número maior de líderes africanos do que aquele que normalmente frequenta as reuniões de cúpula da União Africana. O Presidente da China foi à África em visita de turismo em fevereiro de 2007, após o anúncio da criação do *AFRICOM*. Sua terceira visita em três anos.

Pode ser verdade que os motivos e intenções de suas diretrizes sejam típicos de grande superpotência em expansão. Devido a isso, é bem possível que os E.U.A. não veem o interesse emergente daquele país como ameaça à segurança.[18] Também é provável que os E.U.A. não possuem muitos interesses no continente. Contudo, a China reemerge como entidade econômica, diplomática e militar no cenário mundial, com interesse geoestratégico particular em recursos e mercado africanos. É óbvio que os E.U.A. estão bem preocupados com a interação e cooperação cada vez maior entre a África e o "dragão de coração sombrio".[19] Também é óbvio que a China não está muito interessada em incentivar a democracia, boas práticas governamentais e transparência no continente. Em consequência, os recentes acordos técnicos, econômicos, de defesa e outras formas de cooperação entre a China e Zimbábue passam por escrutínio em Washington.[20]

Embora a China seja a alternativa à influência norte-americana, ainda não foi tomada uma decisão referente ao envolvimento chinês.[21] A preferência africana pela China é bem eloquente. Provavelmente vinculada à questões tais como a imagem militarizada da política exterior dos E.U.A. e a disponibilidade de apoio chinês quase incondicional. As forças armadas fazem parte importante da política exterior norte-americana. Até por-

que, em certos círculos, são vistas como a agência principal de sua política exterior. Dessa perspectiva a criação do *Comando* é vista como o primeiro passo importante para aumentar a presença e a capacidade da política exterior na África, a fim de contrabalançar a influência chinesa. Steven Morrison, o diretor do programa africano do Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos, por exemplo, alega que os E.U.A. tentam ganhar uma posição no continente com a criação do *AFRICOM,* para "intensificar a competição com a China, Índia e outros países, a fim de obter influência e acesso" e, devido ao "crescente compromisso com respeito à vitalidade global na África."[22]

Após 9/11 ocorreu mudança drástica em todo o globo. Por conseguinte, o surto de ameaça de terrorismo internacional no Ocidente aumentou. Entretanto, em vista do que as forças norte-americanas e aliadas encaram em regiões como o Afeganistão e Iraque, a eficácia e competência estratégicas da guerra anti-terrorista continuam em dúvida. Tal incerteza depende de como se responde a seguinte questão: Será que o mundo ocidental, em geral, e os E.U.A. em particular, estão agora mais seguros por causa da guerra contra o terrorismo? Na África, a criação do *AFRICOM* é vista como a "chegada oficial da guerra global contra o terrorismo ao continente."[23] Obviamente, os E.U.A. veem a África como possível fonte de terrorismo internacional. As agências secretas da maioria dos países ocidentais esquadrinham o mundo, inclusive a África, para ver se encontram novas ameaças. A maioria dos países africanos está inquieta acerca da possível implementação de operações secretas, tanto diretas como clandestinas, dentro de suas fronteiras. É claro que o governo americano e aliados também buscam parceiros de coalizão nessa guerra. O *AFRICOM* serve ambos os propósitos: maior acesso à África, a fim de levar a efeito operações secretas; e o cultivo de parceiros de guerra, estratégicos.

O bombardeio das embaixadas no Quênia e Tanzânia serve de frio lembrete da ameaça com que se debatem na África. A possibilidade de terrorismo internacional no continente e seus vínculos com al-Qaeda novamente vêm à tona com os ataques suicidas na Algéria e Marrocos.[24] A volatilidade da região é campo fértil para extremistas, elementos criminosos e terroristas internacionais que alistam e treinam recrutas em áreas fora de controle, oferecendo santuário do qual podem lançar as operações. Tal volatilidade existe devido a extrema pobreza, corrupção, conflito interno, disputa acerca de fronteiras, recursos hidrográficos e fronteiras não regulados, déspotas, dispositivos de segurança interna imperfeitos e infraestrutura subdesenvolvida. É fácil convencer indivíduos a tomar parte em terrorismo contra o Ocidente. Encaram um futuro sombrio em seus países e comparam sua situação com a da maioria dos países ocidentais, em particular, com os E.U.A. É muitíssimo importante notar que nem sempre a pobreza, instabilidade e volatilidade geram terroristas. Entretanto, as nações com sociedades civis inadequadas, péssimos dispositivos para obrigar o cumprimento de leis e um sistema jurídico impotente são vulneráveis à penetração e exploração de grupos terroristas internacionais.[25]

É o aumento cada vez maior do interesse norte-americano pelo petróleo africano que valida a racionalização costumeira de que estão usando a guerra contra o terrorismo como desculpa para acessar os recursos africanos.[26] Contudo, é verdade que os ataques de 9/11 e as guerras que deles resultaram no Afeganistão e Iraque tiveram impacto definitivo nas relações entre os E.U.A. e o mundo árabe. Um relatório recente de Barry McCaffrey, General Reformado do Exército, referente à guerra do Iraque nota que o "desastre no Iraque com toda probabilidade resultará em conflito regional mais amplo o que colocará em perigo os interesses estratégicos (petróleo) no Oriente-Médio, durante toda uma geração."[27] As tensões latentes entre os E.U.A. e o Irã são uma das manifestações desse conflito regional em fase de crescimento. Deve-se também avaliar a invasão do Líbano por Israel em 2006, levando em consideração o que ocorreu no Iraque e a resultante mudança em equilíbrio de poder no Oriente-Médio. Está claro que a situação de desconfiança e suspeita generalizada que existe entre o Oriente e o Ocidente, resultou da ação hostil de 9/11

perpetrada por membros de nações árabes, bem como a ação militar dos E.U.A. no Afeganistão e Iraque e seu apoio contínuo a Israel.

É contra esse pano de fundo que os E.U.A. percebem as reservas petrolíferas do mundo em geral e, especificamente da África para diminuir sua dependência no Oriente-Médio. A diversificação dos interesses petrolíferos durante a última década torna o petróleo africano em matéria-prima cada vez mais importante. Isso tem a ver com a produção de petróleo no continente em si, em especial na costa oeste. A África possui 8 por cento das reservas petrolíferas mundiais, sendo a Nigéria, Líbia e Guiné Equatorial os produtores principais. A produção concentra-se no Golfo de Guiné, (70 por cento) indo da Costa do Marfim à Angola. O baixo teor de enxofre no petróleo bruto da África Ocidental torna-o ainda mais importante sob o ponto de vista estratégico.[28] Dentro de 10 anos, o Golfo de Guiné que inclui a Angola e a Nigéria, fornecerão um quarto do petróleo estrangeiro, ultrapassando o volume importado do Golfo Persa.[29] Em 2003, a África sub-saariana fornecia 16 por cento da demanda dos E.U.A.[30] Aumentou a 20 por cento em 2007.[31] A intensificação em demanda americana destina-se a aumentar. Ao mesmo tempo, a guerra no Iraque, em toda probabilidade, resultará em maior conflito regional, colocando em risco os interesses petrolíferos no Oriente-Médio. Por sua vez, causará impacto na importância estratégica do petróleo africano no mercado americano.

A Dificuldade em se Compreender a Burocracia Político-Militar Americana

Uma das maiores dificuldades que a África encara em sua interação com os E.U.A. referente ao *AFRICOM* é compreender a política norte-americana, especialmente as complexidades inerentes ao sistema político-burocrático. Em particular, o papel e personalidade de políticos e burocratas individuais. É o fator que muitas vezes leva à dúvidas referentes ao apoio político ou burocrático existente para com iniciativas de diretrizes específicas à África. Consequentemente, o nível de seriedade acerca da direção de dada diretriz, especificamente na ausência de genuíno interesse americano. As diretrizes, na maioria das vezes, são nada mais que uma declaração de intento pelos políticos.[32] Em última análise, dependem da energia e apoio dentro de ambiente público e burocrático mais amplo para que o intento transforme-se em ação (i.e., a implementação daquela diretriz).

Sob essa perspectiva, o intento declarado da administração Bush em criar um *AFRICOM* depende da burocracia americana, em geral, e da burocracia militar, em particular, para transformar o intuito em estrutura militar *C⁴I*. Caso não exista forte apoio burocrático para determinado intento político, o ritmo do processo diminui ou deixa de receber a infusão de energia exigida. Em alguns círculos a criação do *Comando Africano* é vista como uma iniciativa de diretrizes da administração Bush. Também existem dúvidas referentes ao apoio que recebe dentro das forças militares.[33]

Por outro lado, a burocracia persiste. Uma vez estabelecido o *AFRICOM* será muito mais difícil fazer com que mude de direção. Essa é a preocupação referente aos interesses organizacionais e institucionais das forças armadas americanas. Uma vez que o pessoal militar comece a concentrar os empreendimentos pessoais, em "assuntos africanos" como especialidade, a fim de garantir promoção, a burocracia militar passará a possuir sério investimento e interesse em manter o *status quo*. Em prática, isso significa que uma vez alcançado o posto de general, devido a perícia em temas africanos, será muito mais difícil mudar de direção. Na verdade, os interesses burocráticos, podem vir a ser fator bastante importante na geração e desenvolvimento de interesse nacional na região. Para os africanos, que estão por fora, é muitas vezes difícil compreender claramente o papel da burocracia norte-americana.

Até agora, as diretrizes dos E.U.A. acerca da maioria dos países africanos eram, em grande escala, responsabilidade da hierarquia burocrática média em Washington, que pratica a arte do conservadorismo burocrático. Tais indivíduos operam seguindo três normas:

não gaste muito dinheiro; não tome uma posição que possa criar controvérsia doméstica; e não deixe que questões africanas compliquem as diretrizes dedicadas a outras partes do mundo mais importantes.[34] Essa metodologia burocrática levou à situação onde os E.U.A. frequentemente perdiam interesse na África e de fato, foram obrigados a "redescobri-la" várias vezes durante a era após a Segunda Guerra Mundial.[35] Existe a probabilidade de que interesses burocráticos por parte da alta hierarquia militar que deseja manter vivo o interesse na África exerça influência definitiva na natureza e sustentabilidade de diretrizes americanas para com a região. Isso torna-se ainda mais importante ao considerarmos que as forças armadas muitas vezes estão à frente da política exterior norte-americana.

Sob o ponto de vista de implementação de diretrizes, a burocracia norte-americana talvez não seja diferente de qualquer outra, pois suas estruturas e programas são miópicos. Um perito norte-americano em assuntos africanos, o Dr. Dan Henk da Faculdade da Aeronáutica, por exemplo, notou que o engajamento com a África muitas vezes reflete metodologias e intensidades bastante diferentes entre o *DoS*, a *USAID* e o *DoD*, o que frequentemente resulta em certa confusão a respeito dos interesses, objetivos e motivos dos E.U.A.[36] O *AFRICOM,* com a *percepção* de caráter interagencial, sem dúvida irá influenciar a coordenação das diretrizes norte-americanas na África, de maneira positiva – beneficiando tanto os Estados Unidos como os países africanos. A promessa é de que o estabelecimento do Comando resultará em engajamento informado, consistente, coerente e sustentável, algo que todo o continente deveria acolher de braços abertos.

O Suprimento de Apoio Militar na África

Muitos (talvez a maioria) dos participantes norte-americanos envolvidos em estabelecer o novo *Comando* acreditam que será muitíssimo diferente de outros comandos combatentes. Contará com caráter interagencial muito mais sólido. Já de início, os projetistas tiveram interesse muito maior em questões de "poder persuasivo", tais como saúde, reabilitação de infra-estrutura, o ambiente, desenvolvimento econômico, reforma do setor de segurança, amenização de conflito e outros ângulos de segurança humana.[37] Esse plano baseia-se na crença de que as ações diplomáticas, informativas e econômicas serão mais críticas em alcançar os objetivos das diretrizes da política exterior norte-americana na África do que o uso de força.[38] Contudo, também surge a questão acerca de metodologia mais proativa e de prevenção em proteger e estender a segurança norte-americana e outros interesses na África, em contraste com a metodologia bastante cautelosa e defensiva que até agora vem definindo o envolvimento de segurança no continente. O *AFRICOM*, não está sendo planejado como aquele típico comando combatente. Tal sistema é bem aceito, dada a natureza bastante destrutiva do envolvimento militar estrangeiro no continente em épocas passadas. Entretanto, deve-se reconhecer que também existem certos riscos com um método que coloca em segundo plano o papel das forças armadas na África.

Em muitas nações africanas, a imagem política exterior norte-americana é interpretada pelas ações militares em outras partes do mundo, especialmente no Afeganistão e Iraque. Uma postura solidamente associada às forças armadas, em geral, e ao uso agressivo de força, em particular. Essa imagem bastante agressiva e "militarizada" da política exterior encontra-se em vivo contraste com os empreendimentos de todos os que tomam parte na elaboração do *Comando,* a fim de minimizar o papel opressivo das forças armadas na África e realçar as funções de persuasão do mesmo. Dá origem a dois tipos de questões. Em primeiro lugar, será que a assistência humanitária e de desenvolvimento na África será militarizada, através de empreedimentos deliberados, deixando as atividades a cargo das forças armadas? As dúvidas relacionadas incluem: Será que a criação do *AFRICOM* deve ser vista como mais do que uma cooperação interagencial? Será que o *AFRICOM* representa uma militarização de apoio não militar dos Estados Unidos na África? Até onde chegará a militarização de

ações humanitárias e de segurança humana? Essas questões devem ser vinculadas à dificuldade do jargão burocrático e militar norte-americano para com a África. O que, por exemplo, infere-se com o termo "operações de estabilização" na África?[39] Em segundo lugar, será que os Estados Unidos estão sendo sinceros? Normalmente, a imagem da política exterior norte-americana não corresponde à intenção declarada com a criação do Comando. A próxima questão [vinculada à anterior] é porque deve ser diferente dos outros comandos geográficos americanos? Será isso uma forma de discriminação ou menosprezo? E que tal o argumento de que o sistema militar norte-americano está assegurando "pouso leve" ao *AFRICOM*, colocando ênfase em questões de persuasão *[soft power]?*[40] Quanto tempo vai durar antes que mostre as garras e a África ou alguns de seus países sejam *"Iraquizados"*?

Tais dúvidas devem ser comparadas à necessidade premente de grande desenvolvimento militar e outras formas de apoio militar na África. Todos reconhecem o fato de que um dos maiores problemas que os países africanos enfrentam desde a independência é a falta de profissionalismo militar. É muitas vezes aparente em relações civil-militares problemáticas, chegando aos numerosos *coups d'état* que adicionam seu colorido ao panorama político de muitos países africanos. A falta de profissionalismo militar é vinculada a várias causas, tais como recrutamente subnacional ou étnico, corrupção, o desenvolvimento de aparatos de segurança paralelos, tais como guardas presidenciais e destamentos militares domésticos.[41] Dessa perspectiva será desastroso se o *Comando* deixar de levar a sério a necessidade de desenvolvimento de profissionalismo militar. Contudo, uma das causas principais dessa falta é a influência de apoio militar estrangeiro em tempos de crise. Em muitos casos, o apoio externo traduz-se em falta de urgência dentro das forças militares africanas, devido a garantia de meios de escape, providenciada pelas potências militares. Essa realidade deixa aberta a questão referente ao tipo de apoio militar *soft power* que o *AFRICOM* irá providenciar às forças armadas africanas. Serve de advertência à demasiada ênfase em ângulos não-militares. Em seu apoio às forças armadas africanas deve colocar ênfase em *gerar* capacitação, não em *providenciá-la*. É importante que as forças armadas norte-americanas cheguem à mesa sem planos e esquemas, abstendo-se de postura descritiva e dogmática. O que funciona na América e em outros países nem sempre funciona na África. Em suma, talvez os Africanos não se sintam bem com a imposição de doutrinas norte-americanas. O problema para as forças armadas norte-americanas é captar essas doutrinas, compreendendo a tradição histórica africana. Está firmemente enraigada em tradição oral.[42] Em vista da situação estratégica que os Estados Unidos enfrentam no Iraque e em outras partes, aprender com a experiência não-convencional africana de modo não-convencional talvez não seja lá uma má ideia. Com o câmbio e intercâmbio de ideias, a África receberia o benefício da perícia, equipagem pesada e tecnologia de simulação americana mais convencionais na edificação de sua capacidade militar.[43]

Contudo, acarreta outra consideração importante, i.e., a falta de entusiasmo das forças militares africanas para com apoio militar de fora. Esse pessimismo muitas vezes está vinculado à falta de recursos militares africanos. É uma vulnerabilidade crítica à maioria. Talvez o apoio militar ofereça recursos vitais. Entretanto, a manutenção, na maioria dos casos, deve ser feita por aqueles que providenciam os mesmos, uma vez que as forças armadas africanas nem sempre possuem capacidade e habilidade tecnológicas. Os Africanos não podem manter os recursos militares providenciados. Cria-se, assim, o hábito da dependência. Em consequência, muitos veem o complexo militar-industrial de países desenvolvidos, os Estados Unidos, em particular, como motivação suficiente para envolvimento na África e outras partes do mundo. As economias de países supridores acabam desfrutando de ainda maior desenvolvimento, enquanto, em muitos casos a destruição é exportada à África, aumentado sua dependência.

Além disso, é importante para o *AFRICOM* não ser visto pelos Africanos como um empreendimento norte-americano que irá substituir

estruturas continentais, regionais e militares, especialmente as forças de prontidão regionais, que foram criadas pelos Africanos ou que estão em fase de desenvolvimento. De fato, os E.U.A. podem desempenhar papel principal, se aperfeiçoarem tais estruturas, explorando-as para aumentar a capacidade. A África receberia o benefício do desenvolvimento de interoperabilidade dentro das estruturas regionais. Os E.U.A. quando operam através dessas estruturas seguiriam uma metodologia multilateral, engajando vários países africanos simultaneamente, desempenhando o papel de parceiro silencioso.[44] Isso nem sempre satifaz a metodologia militar norte-americana que é orientada pela mídia. Contudo, a parceria silenciosa também satisfaz os objetivos maiores do *AFRICOM*. A inferência, por exemplo, de que fornece plataformas de logística ou oportunidades de treinamento e educação, ao mesmo tempo explorando a disponibilidade de instrutores africanos bem educados e treinados.[45]

Como Superar os Obstáculos

A pressão é cada vez maior para permitir que a África solucione seus próprios problemas. Existem até mesmo sugestões de um "Estados Unidos da África", embora pareça, e com toda a probabilidade seja um tanto implausível.[46] Contudo, a mensagem tácita é de que "queremos tomar as rédeas de nosso próprio destino" e de que por tempo demasiado o futuro da África vem sendo ditado por terceiros, especialmente a Grã-Bretanha, França e Portugal durante a Era Colonial e os E.U.A. e a antiga União Soviética durante a Guerra Fria. Traduz-se em inquietude cada vez maior para com o Ocidente e outras influências (por vezes interferências) generalizadas e norte-americanas, em particular. A imagem de valentão dos Estados Unidos, intimidando os fracos, indefesos, pequenos ou vitimizados solidificou-se com a invasão do Iraque. Vincula-se esse fato ao ponto de vista de que fazem parte daqueles "que têm" e os povos da África daqueles "que não têm".

Contudo, devemos temperar esse ponto de vista com a realidade de que um dos maiores obstáculos que a comunidade global encara na África é a solidariedade africana. Alcançou o apogeu com o estabelecimento da União Africana *[African Union-AU]*, distinta da União Europeia. Tudo que se requer das nações-membros é que sejam parte da África. Não quer dizer que não exista diferença de opinião dentro da organização. Contudo, sua criação reflete a solidariedade, particularmente com respeito à questões tais como anti-colonialismo e Africanismo. [47] Sem embargo, o caminho que leva à solidariedade africana está repleto de armadilhas. Sua inabilidade em dirigir-se à questão de Zimbábue de maneira apropriada é apenas um exemplo dos riscos que enfrenta, muitas vezes resultando em tendência de criticar o que os governos Ocidentais, inclusive os E.U.A., estão fazendo no continente africano. Ainda assim, os Africanos, em geral, e os governos africanos, em particular, antecipam os benefícios do envolvimento americano no continente. O governo norte-americano vem cogitando há muito tempo acerca do *AFRICOM*. Sem dúvida, os argumentos apresentados acima foram discutidos em deliberações iniciais. Provavelmente essa é a razão pela qual o enfoque do Comando será predominantemente em operações anti-terroristas e assistência humanitária. Declara-se que a tarefa de manter tropas para grande combate em sua área de responsabilidade seria mínima. A ênfase recairia principalmente em programas de treinamento militar, a fim de auxiliar os governos africanos a solidificar as fronteiras, prevenindo crises como as de Darfur e contendo enfermidades letais como a *AIDS* e a malária. Essa também é a razão, em toda a probabilidade, pela qual o general quatro estrelas que comanda o *AFRICOM* contará com um parceiro civil do Departamento de Estado que assistirá em coordenar as funções não militares do governo americano na África.

Os africanos sabem muito bem que onde encontram o antílope também encontram o adversário mais perigoso, o leão. A apreensão existe, em certos círculos, de que a África será *Iraquizada* i.e., que as tentativas de auto-proteção dos E.U.A. contra o terrorismo inter-

nacional, que serão levadas a efeito do continente africano, na verdade, exacerbarão o problema. Tal inquietude baseia-se na noção de que forte presença americana no continente chamará a atenção de seus inimigos e que, como durante a Guerra Fria, a África uma vez mais virá a ser o campo de batalha pelo poder e conflitos militares de grandes potências: os Estados Unidos *v.* a China, por exemplo e, especialmente as forças militares norte-americanas e seus inimigos terroristas internacionais.[48] Deve-se vincular esse argumento ao plano que eventualmente localizará a sede do comando em alguma parte do continente. Não há dúvida de que o país ou países que abrigará o quartel-general do *AFRICOM*, ou porções do mesmo, estará exposto aos tipos de ameaça que presentemente afligem os E.U.A.

O estilo de guerra africano e americano são diametricamente opostos. A doutrina militar americana baseia-se em ganhar batalhas decisivas, via uso de tecnologia militar convencional esmagadora. Como no caso do Iraque, após a batalha de Bagdá, as forças militares americanas frequentemente encontram-se em situações em que a batalha ou batalhas foram ganhas, mas não necessariamente a guerra. O resultado é que no mínimo em duas ocasiões, durante os últimos 50 anos, foram implicadas em guerras indecisas e de baixa intensidade.[49] A maioria dos conflitos na África não é convencional, por natureza, e é combatida com tecnologia de segunda ou terceira geração. Frequentemente resulta em guerras comunitárias indecisas, longas e anárquicas, sem solução definitiva.[50] É precisamente desse tipo de conflito que as forças armadas norte-americanas querem afastar-se, especialmente após a experiência em Vietnã e a mais recente no Iraque. É também o tipo de conflito que em 1993 resultou na síndrome da Somália, após a catástrofe em Mogadishu, o que possivelmente faz com que os Estados Unidos hesitem em envolvimento militar na África. Essa relutância contribui à imagem de que as forças armadas norte-americanas fogem de certas situações. Tal imagem ficou indelevelmente gravada, quando os E.U.A. não estiveram dispostos a participar, após a ocorrência de tragédias humanas, como nas crises em Ruanda, Sierra Leone e Darfur. Podemos comparar essa situação às tentativas políticas e militares durante a década de 90 para solucionar o problema nos Balcãs, uma região geográfica na qual se crê, os Estados Unidos também não possuiam muito interesse político ou econômico.

A relutância em solucionar emergências complexas na África corrobora o ponto de vista naquele continente de que os Estados Unidos exigem sucesso, contribuição e solução rápidas. Entretanto, não são vistos como potência que persevera, comprometendo-se a tratar de segurança complexa e outros obstáculos de forma sustentável. Somado a tudo o fato de que somente se envolvem em região onde existe a possibilidade de ganho econômico, sua imagem entre os militares africanos em geral, é de desdém. As forças armadas americanas deixam de possuir credibilidade em certas partes do continente e muitas vezes são vistas como alvo legítimo. Antigamente, o resultado era que se tornavam vítimas de má publicidade no continente. Talvez o *AFRICOM* venha a ser veículo importante para apoiar o envolvimento norte-americano na África e assim, contribuir à uma imagem mais positiva no continente. A criação do *Comando* seria a primeira prova verídica do envolvimento sustentável norte americano na África.

Eventualmente estará intimamente ligado a uma só questão: Será que o governo norte-americano e seus militares estão cientes de que a guerra nesta "era de terrorismo" é primariamente irregular? Durante a década de 90, os Estados Unidos ocupavam posição invejável. Eram a única super-potência mundial. Podiam escolher onde e por que motivo intervir militarmente. Eram o contingente policial internacional. Ao mesmo tempo, não faltava oportunidade. Os conflitos generalizados de natureza anarquista explodiam por toda a parte: Balcãs, Africa Central, Oriente Médio e a antiga União Soviética (Chechnya). Na maioria dos casos, tais conflitos não interferiam com interesses norte-americanos vitais, com a possibilidade de deflagrar uma terceira guerra mundial.[51] Consequentemente, não houve conflito de fato, importante o suficiente para que os Estados Unidos tomassem ação

http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm Contactar o Editor

decisiva. O *status quo* prosseguiu até o 9/11, o dia no qual os Estados Unidos passaram a fazer parte da futura anarquia.[52] Seria útil lembrar que o artigo inicial a respeito do tema de autoria de Kaplan no *Atlantic Monthly* foi baseado em suas experiências de jornalista na África.[53] Levou o argumento à sua óbvia conclusão. Se os Estados Unidos desejam mesmo ganhar a guerra contra o terrorismo, a África deve fazer parte da solução. Em última análise, quer queira ou não, os problemas africanos passam a ser problemas americanos. Pode ser que a criação do *AFRICOM* seja a faísca que reconhecerá tal realidade.

Certas Inferências

A África é um obstáculo a qualquer força militar convencional moderna. Militarmente, a criação do *Comando* faz sentido, se os Estados Unidos querem alcançar sucesso em seus empreendimentos no continente. Existem outras vantagens estratégicas na criação do mesmo. Para eles, a vantagem mais óbvia é a íntima relação com a realidade africana, bem como com os povos do continente. Espera-se que tal interação resulte em melhor compreensão da dinâmica e complexidades, tanto para a burocracia como para o público americano em geral. Definitivamente, permitirá aos Estados Unidos a habilidade de desenvolver um melhor quadro de inteligência da África. Incluirá melhor interpretação das ameaças que confrontam os Estados Unidos no continente. A vantagem mais óbvia que advém de tal dinâmica é a oportunidade de explorar o mercado e outras oportunidades que surgirem. Ademais, poderão melhor proteger-se via metodologia proativa e preventiva para combater o terrorismo internacional, solucionando os problemas antes que surjam. A presença militar no continente capacitará os Estados Unidos à melhor comunicação com a África, diplomática e militarmente. Com isso haverá a segurança de que os Africanos e militares compreenderão melhor os empreendimentos norte-americanos no continente e em todo o mundo. Não há dúvida que haverá antagonismo em certas áreas, devido a presença militar estrangeira. Ao julgar pelos recentes comentários do Ministro de Defesa Sul Africano, talvez o antagonismo que teve origem em certos países e estruturas regionais, por motivos históricos, são críticos do papel que os Estados Unidos desempenham ao redor do globo, em particular na África.[54] Também pode ser que isso ocorreu fora do continente.

Relaciona-se, especificamente, ao envolvimento diplomático e econômico da China, cada vez maior. Uma neblina de ambiguidade permeia o envolvimento militar chinês, especialmente na maneira como solapa o envolvimento militar norte-americano na África. A questão é se a tradição politico-estratégica permitirá aos líderes africanos espaço suficiente para explorar o melhor que a China e os Estados Unidos têm a oferecer. A criação do *Comando* realçará o perfil estratégico da África nos Estados Unidos, bem como em outras partes do mundo. Os militares africanos irão beneficiar-se com a criação do *Comando* em oportunidades militar-diplomáticas e a transferência de perícia e outros recursos militares mais tangíveis. Inclui assistência que as forças armadas norte-americanas providenciarão durante o desenvolvimento do *ethos* profissional militar nas forças armadas africanas, a transformação do gerenciamento de defesa africana para ser mais transparente e responsável em prestação de contas e o maior aperfeiçoamento da capacidade de manutenção de paz e reconstrução pós-conflito. As forças armadas norte-americanas devem sobrepujar vários obstáculos na criação do *AFRICOM*, tanto na África como nos Estados Unidos. De um lado do Atlântico, os Estados Unidos tiveram de lidar com a imagem da política exterior militarizada e agressiva, vinculada ao histórico de envolvimento militar não sustentável. Essa imagem está fundamentada em temor bastante real em certas partes do continente de que a África possa a vir ser *Iraquizada*, o que solapa a credibilidade americana e faz dela alvo legítimo. Do outro lado do Atlântico, dada a antiga má publicidade dos militares na África, a síndrome da Somália pode ser que ainda ditará a forma de pensar e as atitudes militares americanas. Felizmente (ou não) este é um mundo de estratégia, onde diretrizes e emoções mudam de direção.[55] ❑

Notas

1. O autor agradece o Dr. Dan Hank da Escola de Guerra da Força Aérea Norte-Americana [USAF Air War College] pela leitura e comentários referentes aos primeiros esboços deste artigo.

2. Wyndham Hartley, "Southern Africa: More U.S. Soldiers Not Welcome in Africa, Says Lekota," Business Day (Johannesburg), 30 August 2007, http://allafrica .com/stories/200708300344.html. A ambiguidade ou dualismo, para ser preciso, na posição do governo sul-africano para com os militares norte-americanos reflete-se claramente na realidade de que ao mesmo tempo que o Ministro de Defesa dava voz às declarações, a Marinha Sul-Africana estava envolvida em exercícios ao sul de sua costa com um contingente da Marinha Norte-Americana. Esses exercícios entre as forças armadas sul-africanas e americanas seguiram logo após o anúncio da criação do AFRICOM.

3. Michael Clough, Free At Last? US Policy toward Africa and the End of the Cold War (New York: Council on Foreign Relations Press, 1992), 1.

4. Lauren Ploch, Africa Command: U.S. Strategic Interests and the Role of the U.S. Military in Africa, CRS Report for Congress (Washington, DC: Congressional Research Service, 16 maio 2007), 10.

5. The White House, "President Bush Creates a Department of Defense Unified Combatant Command for Africa," Office of the Press Secretary, 6 fevereiro 2007, http://www.whitehouse.gov/news/releases/2007/02/ 20070206-3.html.

6. Ibid.

7. Clough, Free At Last? 3.

8. Ver Richard G. Catoire, "A CINC for Sub-Saharan Africa? Rethinking the Unified Command Plan," Parameters 30 (Inverno 2000–01): 102–17.

9. Jackie Northam, "Pentagon Creates Military Command for Africa," NPR (National Public Radio), Morning Edition, 7 fevereiro 2007, http://www.npr.org/templates/ story/story .php?storyId=7234997.

10. US Department of Defense, "DoD Establishing US Africa Command," Defense Link, American Forces Press Service, http://www.defenselink.mil/News/NewsArticle .aspx?id=2940.

11. Ibid.

12. Northam, "Pentagon Creates Military Command for Africa."

13. Jim Lobe, "Africa to Get Its Own US Military Command," Antiwar.com, 1 fevereiro 2007, http://www .antiwar.com/lobe/?articleid=10443.

14. Sally B. Donnelly, "Exclusive: The Pentagon Plans for an African Command," Time, http://lib.store.yahoo .net/lib/realityzone/UFNAfricancommand.mht.

15. Bryan Bender, "Pentagon Plans New Command to Cover Africa," Boston Globe, 21 dezembro 2006, http:// www.boston.com/news/world/articles/2006/12/21/ pentagon_plans _new_command _to_cover_africa.

16. Simon Tisdall, "US Moves in on Africa," Guardian, 9 fevereiro 2007, http://www .guardian.co.uk/usa/ story/0,,2009098,00.html.

17. GaryLeupp, "We'reTakingDownSevenCountriesi nFiveYears:ARegimeChangeChecklist," Dissident Voice, 17 janeiro 2007, http://www.dissidentvoice.org/Jan07/ Leupp17.htm.

18. Jim Fisher-Thompson, "U.S. Official Dispels 'Alarmist Views' of China in Africa," USINFO, Bureau of International Information Programs, US Department of State, 16 fevereiro 2007, http://usinfo.state.gov/xarchives/ display.html?p=washfile-english&y=2007&m=February& x=200702161420311E JrehsiF0.6760828.

19. Philippe D. Rogers, "Dragon with a Heart of Darkness? Countering Chinese Influence in Africa," Joint Force Quarterly 47 (4th Trimestre 2007): 22–27.

20. Confirmado com a apresentação do Emb. David H. Shinn, Catedrático-Assistente de Assuntos Internacionais George Washington University (palestra, Academia Militar da África do Sul, Saldanha, 28 agosto 2007).

21. M. Rossouw, "Mbeki Verdedig China se Involved in Afrika," Die Burger (Cape Town, South Africa), 4 junho 2007, 6.

22. Northam, "Pentagon Creates Military Command for Africa."

23. Hartley, "Southern Africa."

24. J. Ferreira, "Terrorisme Beleef Oplewing in Noord-Afrika," Die Burger, 13 abril 2007, 6.

25. James Jay Carafano and Nile Gardiner, "US Military Assistance for Africa: A Better Solution," The Heritage Foundation, 15 outubro 2003, http://www.heritage .org?Reasearch?africa/bg1697.cfm.

26. Lt Col Gary Lloyd (Observador Militar Chefe para a Missão Africana no Sudão), entrevista com o autor, durante visita à Academia Militar da África do Sul, Saldanha, 23 agosto 2007.

27. Gen Barry R. McCaffrey, USA, retired, to Col Michael Meese, professor and head, Department of Social Sciences, US Military Academy, West Point, NY, internal memorandum, subject: After-Action Report: Visit [to] Iraq and Kuwait, 9–16 March 2007, (submitted) 26 março

http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm Contactar o Editor

2007, http:// media.washingtonpost.com/wp-rv/nation/documents/McCaffrey_Report_032707.pdf.

28. Chietigj Bajpaee, "Sino-US Energy Competition in Africa," Power and Interest News Report,7 octubro 2005, http://www.pinr.com/report.php?ac=view_report&report_id=378&language_id=1.

29. Tisdall, "US Moves in Africa."

30. Carafano and Gardiner, "US Military Assistance for Africa."

31. Lobe, "Africa to Get Its Own US Military Command."

32. Ver a explanação de John Garnett, "Defence Policy-Making," em John Baylis et al., Contemporary Strategy II (New York: Holmes & Meier, 1987), 2.

33. Vários delegados norte-americanos mencionaram tal ponto em particular, durante o 33rd International Congress of Military History em Cape Town, 13–17 agosto 2007, onde foi feita a leitura de esboço preliminar.

34. Clough, Free At Last? 2.

35. Peter J. Schraeder, United States Foreign Policy toward Africa: Incrementalism, Crisis, and Change (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), 2.

36. Ver a explanação deste fenômeno em Dan Henk, "The Environment, the US Military, and Southern Africa," Parameters 36, no. 2 (Verão 2006): 98–117.

37. Dr. Dan Henk, Air War College, mensagem eletrônica ao autor, 30 julho 2007.

38. Bender, "Pentagon Plans New Command."

39. Testemunho de Mark Malan, "AFRICOM: A Wolf in Sheep's Clothing?" ante o Subcomitê de Assuntos Africanos, Comitê de Relações Exteriores, Audiência do Senado, intitulada Exploring the U.S. Africa Command and the New Strategic Relationship with Africa, 110th Cong., 1st sess., 1 agosto 2007, http://foreign.senate.gov/testimony/2007/MalanTestimony070801.pdf.

40. Uma apreensão expressa pelo Cel Johan van der Walt (Oficial Líder do Estado Maior, Operações de Apoio de Paz [Peace Support Operations-ONU] da Força de Defesa Nacional da África do Sul [South African National Defense Force]), entrevista telefônica com o autor, 28 agosto 2007.

41. Herbert M. Howe, Ambiguous Order: Military Forces in African States (London: Lynne Rienner Pub., 2001), chap. 2.

42. Mluleki George, Ministro de Defesa Assistente da África do Sul (palestra, abertura oficial do 33rd International Congress of the International Commission for Military History, Cape Town, África do Sul, 13 agosto 2007).

43. Lloyd, entrevista.

44. Infelizmente, os militares americanos não compreendem a importância de utilizar estruturas regionais e continentais. Ver "Africa: U.S. Military Command to Seek Value-Added Capabilities for Africa," The News, 4 outubro 2007, http://allafrica.com/stories/200710040767.html.

45. Ibid.

46. Liesl Louw, "Verenigde State van Afrika: AU Begin Praat," Beeld, 2 julho 2007, 10.

47. Para excelente exposição da tensão existente na política exterior sul-africana entre a democracia e o africanismo e anti-colonialismo, ver Laurie Nathan, "Consistency and Inconsistencies in South African Foreign Policy," International Affairs 81, no. 2 (Março 2005): 361–72.

48. L. Scholtz, "Sal Afrika se Gras Weer Trapplek Word?" Die Burger, 9 fevereiro 2007, 8.

49. Ver a explanação deste fenômeno em Thomas E. Ricks, Fiasco: The American Military Adventure in Iraq (London: Penguin Books, 2006), 129–33.

50. CAPT Larry Seaquist, US Navy, Reformado, "Community War," Proceedings, United States Naval Institute, agosto 2000, 56–59, http://www.d-n-i.net/fcs/seaquist_community_war.htm.

51. Colin S. Gray, War, Peace and International Relations: An Introduction to Strategic History (London: Routledge, 2007), 223.

52. Robert D. Kaplan, TheComingAnarchy:Shatteringthe Dreamsof thePost ColdWar (New York: Random House, 2000).

53. Robert D. Kaplan, "The Coming Anarchy: How Scarcity, Crime, Overpopulation, Tribalism, and Disease Are Rapidly Destroying the Social Fabric of Our Planet," The Atlantic Monthly 273, no. 2 (fevereiro 1994): 44–76, http://www.theatlantic.com/doc/prem/199402/anarchy.

54. O Ministro de Defesa Sul-Africano declarou explicitamente que um maior número de soldados americanos não será bem vindo. Ver Hartley, "Southern Africa." A base para esse sentimento anti-americano pelo governo sul-africano não é bem clara. Talvez seja uma conexão ideologica com o partido sul-africano que se encontra agora no poder, o ANC, enraigado, firmemente no "outro lado da colina" durante a Guerra Fria. Talvez até possui dimensão histórica com o apoio norte-americano às minorias euro-africanas, agarradas ao regime minoritário em muitos países africanos durante a Guerra Fria. As diretrizes atuais também podem influenciar a estratégia norte-americana de expropriação e outras metodologias mais agressivas e militarizadas em sua política exterior, vistas como neo-imperalistas na África. De uma perspectiva econômica, é possível alegar que a África do Sul possivelmente vê a influência norte-americana cada vez maior como competição injusta. Sob perspectiva política internacional, a África do Sul conta com certos "amigos"

idiossincráticos e, claramente alinha-se com países que os Estados Unidos não vão sentir-se lá muito confortáveis, como a Cuba e o Irã.

55. Carl von Clausewitz, On War, ed. e trans. Michael Howard e Peter Paret (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976), 89.

O Dr. Abel Esterhuyse é palestrante líder da Escola de Segurança e Estudos Africanos, Faculdade de Ciências Militares (Academia Militar Sul-Africana), Universidade Stellenbosch [School for Security and Africa Studies, Faculty of Military Science (South African Military Academy), Stellenbosch University]. Obteve Mestrado em Estudos de Segurança da Universidade de Pretoria e o Doutorado da Universidade Stellenbosch. Durante sua temporada como Tenente-Coronel no Exército Sul-Africano cumpriu missões, servindo de oficial de inteligência para o 61º Grupo de Batalhão Mecanizado [61st Mechanised Battalion Group] e a Força de Pronto Destacamento do Exército Sul-Afriacano [South African Army Rapid Deployment Force]. Também foi official instructor para o Centro de Treinamento de Combate do Exército Sul-Africano [South African Army Combat Training Centre] e Escola de Inteligência [School of Intelligence].

AIR & SPACE POWER JOURNAL

http://www.airpower.au.af.mil

English http://www.airpower.au.af.mil/airchronicles/apje.html

En Español http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/apjiesp.html

Em Português http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/apjipor.html

بالعربية http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/aspjarabic.html

En Français http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/aspjfrench.html

中文 http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/aspjchinese.html

Chronicles Online Journal

http://www.airpower.au.af.mil/airchronicles/cc.html

As opiniões expressas ou insinuadas nesta revista pertencem aos seus respectivos autores e não representam, necessariamente, as do Departamento de Defesa, da Força Aérea, da Universidade da Força Aérea ou de quaisquer outros órgãos ou departamentos do governo norte-americano.